

**Mandacaru: uma reflexão sobre a trajetória de Alexina Crêspo utilizando o cinema como fonte**

*Mandacaru: a reflection on the trajectory of Alexina crêspo using cinema as a source*

**Thalita Maciel Soares\***

**Resumo:** Este trabalho é parte integrante da pesquisa de Mestrado que busca compreender as diferentes formas de representação das Ligas Camponesas no cinema utilizando como fontes os filmes “*The Trouble Land*”, “*Cabra Marcado para Morrer*”, “*Memórias Clandestinas*” e os curtas sobre as Ligas Camponesas produzidos pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD).

A utilização do cinema como fonte para os historiadores, está inserida na virada historiográfica proposta pelas fases da *escola dos annales* ao longo do século XX. Esta nova escola historiográfica defendia o não-engessamento da historiografia em fontes documentais, teorias positivistas ou na História Universal. Sendo assim, propunha a valorização de objetos até então marginalizados e a utilização de novas fontes pelos historiadores.

Desta forma, nos fundamentamos nas novas tendências historiográficas de experimentação metodológica, interdisciplinaridade, da História Social e Cultural, assim como, nos novos objetos propostos pela *escola dos annales*. Especificamente, esta pesquisa está imersa na relação entre História e Cinema, que se consolidou na terceira geração dos *annales*.

Deste modo, o estudo aqui apresentado, se propõe analisar a trajetória da militante pernambucana Alexina Lins Crêspo de Paula através do filme-documentário “*Memórias Clandestinas*”, que foi uma produção do Sépia Cinema e Vídeo com o apoio do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento (NEAD), Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura (IICA), Programa de Promoção de Igualdade de Gênero Raça e Etnia (PPIGRE), Instituto de Apoio Técnico e Especialização à Cidadania (IATEC) e Curso de Rádio e TV da Faculdade de Comunicação da UNIMEP, dirigido por Maria Thereza Azevedo e lançado em 2004.

Partindo do pressuposto que este trabalho irá ser realizado a partir da relação metodológica entre História, Cinema e Documentário utilizaremos como fundamentação teórica desta relação autores como Marc Ferro e Bill Nichols. Com relação a questão da memória, que irá aparecer como discussão transversal ao tema principal de análise da trajetória de Alexina Crêspo no filme “*Memórias Clandestinas*”, utilizaremos as obras de Michel Pollak e Paul Ricouer.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro- PPGHIS/UFRJ, orientada pela Prof. Dra. Maria Paula Araújo. Contato por e-mail: thalita.maciell@bol.com.br.

Por fim, realizaremos uma discussão bibliográfica e fontes variadas como jornais, revistas e documentos para contextualizar historicamente a militante no Brasil e no mundo dos anos 1950/1960, recorte historiográfico retratado nas memórias narradas no filme, assim como para acrescentarmos algumas informações sobre Alexina Crêspo que não estão presentes no documentário “*Memórias Clandestinas*”.

**Palavras-chave:** História, Cinema, documentário, Alexina Crêspo, Ligas Camponesas.

**Abstract:** This work is an integral part of the master's research that seeks to understand the different forms of representation of peasant leagues in cinema using as sources the films "The Trouble Land", "Cabra Marcado para Morrer", "Memórias Clandestinas" and the The peasant leagues produced by the Brazilian Institute of Democratic Action (Ibad).

The use of cinema as a source for historians is inserted in the historiographical turn proposed by the phases of the school of the annales throughout the twentieth century. This new Historiographic school defended the non-engesting of historiography in documentary sources, positivist theories or in Universal history. Thus, it proposed the valorization of objects that had been marginalized and the use of new sources by historians.

Thus, we are based on the new historiographical tendencies of methodological experimentation, interdisciplinarity, Social and Cultural history, as well as in the new objects proposed by the annales.

Thus, the study presented here, proposes to analyze the trajectory of militant Pernambuco Alexina Lins crêspo de Paula in cinema through the film-documentary "Clandestine Memories ", which was a production of Sépia Cinema e Vídeo com o apoio do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento (NEAD), Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura (IICA), Programa de Promoção de Igualdade de Gênero Raça e Etnia (PPIGRE), Instituto de Apoio Técnico e Especialização à Cidadania (IATEC) e Curso de Rádio e TV da Faculdade de Comunicação da UNIMEP, led by Maria Thereza Azevedo and launched in 2004.

Based on the assumption that this work will be carried out from the methodological relationship between history, Cinema and documentary we will use as a theoretical foundation of this relationship authors such as Marc Ferro and Bill Nichols. Regarding the question of memory, which will appear as a cross-sectional discussion on the main theme of the analysis of the depiction of Alexina Crêspo in the film "Memórias Clandestinas", we use the works of Michel Pollak e Paul Ricouer.

Finally, we will perform a bibliographic discussion and varied sources such as newspapers, magazines and documents to historically contextualize the militant in Brazil and the world of the years 1950/1960, a historiographical excerpt depicted in the memories narrated in the film, As well as to add some information about Alexina Crêspo that are not present in the documentary "Memórias Clandestinas".

**Keywords:** History, Cinema, documentary, Alexina Crêspo, Brazil Peasant Leagues.

Este trabalho possui como objetivo analisar a representação da militante pernambucana Alexina Lins Crêspo de Paula no cinema através do filme-documentário "*Memórias Clandestinas*", que foi uma produção do Sépia Cinema e Vídeo com o apoio do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento (NEAD), Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura (IICA), Programa de Promoção de Igualdade de Gênero Raça e Etnia (PPIGRE), Instituto de Apoio Técnico e Especialização à Cidadania (IATEC) e Curso de Rádio e TV da Faculdade de Comunicação da UNIMEP, dirigido por Maria Thereza Azevedo e lançado em 2004.

O filme "*Memórias Clandestinas*" (2004) nos serviu como fio condutor de análise sobre Alexina Crêspo, porém não nos limitamos às informações e dados obtidos através do documentário. Coletamos informações de jornais, revistas, sites on-line e outros documentários, mesmo que de acesso incompleto, como a produção "*Alexina- memórias do exílio*" (2012)<sup>1</sup>. Também utilizamos referência bibliográficas de autores que chegaram a abordar sobre Alexina como Joseph Page (1989), Pablo Porfírio (2013), Flávio Gomes Cabral (2011), Maria da Glória Medeiros (2011) e Antônio Henrique Araújo (2011).

Pretendemos com este trabalho contribuir para aqueles (as) que pesquisam sobre as lideranças femininas das Ligas Camponesas. Além disso, também temos como intuito ressaltar a importância de pesquisas neste tema cuja biografia é muito precária.

## **1. O uso de documentários como fonte**

Historicamente, o Cinema surgiu no mundo como um instrumento do progresso científico, como uma demonstração do avanço técnico após as Revoluções Industriais. Já para a História, segundo Alexandre Busko Valim (2012), a consagração do Cinema como fonte histórica apenas se daria a partir da década de 1990, na terceira geração da *Escola dos Annales*. Esta escola historiográfica defendia o não-engessamento da historiografia em fontes documentais, teorias positivistas ou na História Universal.

Segundo Marc Ferro (1992), o objetivo inicial do Cinema nunca foi a arte e mesmo quando tomou o rumo artístico não havia neutralidade. Para o autor, filmes,

---

<sup>1</sup> O documentário "*Alexina- Memórias de um Exílio*" não está disponível para venda. Contudo, está disponibilizado pela metade no canal dedicado a Francisco Julião no site Youtube. Ver: << [https://www.youtube.com/watch?v=Ink\\_fyFQpn0&t=48s](https://www.youtube.com/watch?v=Ink_fyFQpn0&t=48s)>> acesso em 20 de março de 2019.

documentários, ficções, etc, desde sua origem representam, glorificam e doutrinam. Sendo assim, para Marc Ferro (1992), a neutralidade no Cinema é inexistente e aqueles que se dedicam a analisa-lo devem estar conscientes disto.

De acordo com Bill Nichols (2010), quando pensamos em documentários, nos remetemos a uma demonstração da realidade uma vez que o suposto intuito do gênero é de informar e demonstrar a realidade tal como ela é. De uma tradição de impressão de autenticidade. Esta autenticidade seria o oposto da ficção, que justamente por ser esse gênero, já nos remeteria à arte e fantasia.

Todavia, Nichols (2010) demonstra que estas “realidade e autenticidade” são construídas de acordo com o interesse de quem elaborou o projeto. São elaborações e seleções de acordo com a vontade de quem realizou ou financiou as produções. As imagens, falas, personagens, sons, sequências e edições são realizadas a partir de uma seleção e intenção. Sendo assim, não são uma demonstração fiel do real, mas sim uma ficção com aparência de autenticidade.

Entretanto, parafraseando Carlo Ginzburg, não devemos jogar fora o bebê junto com a banheira. Os filmes-documentários e demais produções cinematográficas são objetos e fontes relevantes para a historiografia podendo, por exemplo, demonstrar ideologias de um determinado grupo, época e sociedade.

No caso de documentários, principalmente os que utilizam entrevistas, há a presença de fontes orais que não devem ser dispensadas pelos historiadores. Exemplo desta importância é o caso da militante Alexina Crêspo que possui poucas entrevistas gravadas além de dois filmes realizados sobre a sua trajetória que foram as produções “*Memórias Clandestinas*” (2004) e “*Alexina- Memórias de um exílio*” (2012). Sendo assim, estas produções se tornam uma fonte riquíssima para os historiadores que pretendem analisar a trajetória de Alexina.

Por fim, Marc Ferro (1992) apontou que apesar da linguagem do Cinema ser ininteligível e de interpretação incerta tal como os sonhos, os historiadores obcecados em descobrir novos domínios e com sua capacidade de fazer até mesmo os troncos de árvore a falar não devem desprezar o Cinema como fonte. Desta forma, devem ter consciência

da falta de neutralidade dos filmes e de suas possíveis manipulações implícitas ou explícitas, porém sem dispensá-los. Finalmente, devem selecionar as informações e analisarem as produções sem perder de vista sua historicidade e o uso de outras fontes para complementar suas análises.

## **2. Reflexão sobre as lideranças femininas das Ligas Camponesas**

Alexina Lins Crêspo de Paula, foi omitida de muitos estudos sobre as Ligas Camponesas, assim como muitas outras mulheres que fizeram parte do movimento camponês e atuaram na militância camponesa, como Delzúite da Costa Silva, Amara Silva, Elizabeth Teixeira e outras. Prioriza-se nas pesquisas sobre as Ligas Camponesas, falar sobre personagens masculinos que tiveram maior influência sobre o movimento como Francisco Julião, que foi marido de Alexina, Clodomir de Moraes, Zezé da Galiléia, Assis Lemos, José dos Prazeres, João Pedro Teixeira e outros. Apesar das lideranças femininas terem existido e sido influentes nas Ligas Camponesas, são poucos os estudos que se referenciam estas mulheres.

Podemos citar como exceção o caso de Elizabeth Teixeira, esposa de João Pedro, líder assassinado da Liga de Sapé da Paraíba e heroicizado no filme *“Cabra Marcado para Morrer”* (1984), dirigido por Eduardo Coutinho. Contudo, apesar de muitos trabalhos sobre as Ligas Camponesas abordarem sobre a militante Elizabeth Teixeira, seu protagonismo é muitas das vezes esquecido nas pesquisas, que apenas se atem em analisar a trajetória de seu marido ou a militância de Elizabeth em prol da perpetuação da memória sobre a trajetória política do seu esposo. Pouco se fala sobre quem foi Elizabeth Teixeira, sua trajetória de vida, como ela se tornou uma militante ou propriamente sua trajetória política.

Podemos compreender esta falta de estudos sobre as lideranças femininas das Ligas Camponesas devido ao fato do objeto *“Ligas Camponesas”*, estar inserido em um recorte historiográfico brasileiro dos anos 1950-1960 onde as mulheres, principalmente nos campos brasileiros, marcados pelo ranço da tradição do patriarcado, não dar muita brecha para trabalhadores rurais militantes, quiçá mulheres camponesas militantes. Contudo, agindo contra essa realidade opressora e machista, as lideranças femininas camponesas existiram, foram influentes e resistiram.

Haviam as resistências mais diretas, daquelas que se dedicaram a conscientizar outras mulheres e homens como Delzuíte e Elizabeth Teixeira ou que se juntaram ao projeto de luta armada e inteligência como Alexina Crêspo. Também não podemos esquecer daquelas que resistiram de maneiras mais simples, como indicou Elizabeth Teixeira em entrevista para Leonilde Servolo de Medeiros<sup>2</sup>, que obrigavam seus maridos a participarem das Ligas Camponesas e se juntavam aos comícios e atos de resistência, como a não aceitação de expulsões pelos fazendeiros.

Sendo assim, estas personagens femininas fogem do senso comum de que não haviam lideranças femininas nas Ligas Camponesas brasileiras, justamente por conta do senso comum se fundamentar no fato de que o feminismo ainda estava em avanço na sociedade brasileira e no mundo no período. Desta forma, lugar de mulher nos anos 1950-1960 não seria na militância, muito menos no mundo rural onde os direitos não eram garantidos para além dos desmandos dos senhores de terras locais.

Temos como objetivo demonstrar através da análise da militante pernambucana Alexina Crêspo, que esta teoria de que mulheres não fizeram parte no movimento político camponês está longe de ser verdadeira. Houve lideranças femininas nas Ligas Camponesas e Alexina, apesar de ser por muitos considerada apenas como primeira esposa de Francisco Julião e mãe de seus quatro filhos, foi uma dessas principais lideranças femininas das Ligas e sua postura política em nada pode ser comparada ou subjugada com a de seu marido.

### 3. Alexina Lins Crêspo de Paula

Utilizando como principal fonte o filme “*Memórias Clandestinas*” de 2004, conseguimos levantar algumas informações sobre trajetória da militante Alexina Lins Crêspo de Paula que nos permitiu ensaiar uma linha geral sobre a sua vida<sup>3</sup>. Juntamos ao

---

<sup>2</sup> Esta entrevista com Elizabeth Teixeira foi realizada por Leonilde Servolo de Medeiros na época de lançamento do filme “Cabra Marcado para Morrer” no Festival de Cinema do Rio de Janeiro e está disponibilizada no acervo do CPDA da UFRRJ.

<sup>3</sup> Pretendíamos utilizar também o documentário “*Alexina- memórias de um exílio*” produzido por Claudio Bezerra e Stella Maria Saldanha e lançado em 2012, contudo o documentário não está disponível para venda ou para acesso on-line. Como não foi possível utilizarmos o filme completo, nos contentamos em utilizar um pequeno trecho disponibilizado no Youtube e disponível em: << [https://www.youtube.com/watch?v=Ink\\_fyFQpn0](https://www.youtube.com/watch?v=Ink_fyFQpn0)>> acesso em 07 de março de 2019.

material coletado no filme, informações de jornais e revistas on-line e referências bibliográficas que mencionaram a personagem em certos momentos.

O material coletado no filme, assim como as estratégias escolhidas pela diretora Maria Thereza para representa-la, está longe de ser a imagem de uma dona de casa singular dos anos 1950 no Nordeste brasileiro, esposa de um líder político importante da região. Sendo produzido em 2004 e sob égide do governo lulista, o objetivo do filme era demonstrar as diversas facetas de Alexina: mãe, esposa, revolucionária, guerrilheira, exilada e sobrevivente. Era demonstrar a força, pioneirismo e militância de uma das mais importantes lideranças políticas do país. De promover uma retirada de memórias dos cantos escuros dos armários da repressão.

Foi neste período dos anos 2000, que começaram a surgir trabalhos, ainda que poucos, que se dedicavam a pesquisar sobre certas lideranças femininas dentro das Ligas Camponesas, como por exemplo, Elizabeth Teixeira eternizada no “*Cabra Marcado para Morrer*” (1984). Entretanto, ainda são muito poucos os trabalhos que se debruçam sobre esta questão. Seguindo esta constatação, decidimos reunir algumas informações sobre Alexina Crêspo e condensá-las em uma narrativa.

Alexina Lins Crêspo de Paula (1926-2013) teve uma infância normal para uma menina pernambucana de classe média. Foi criada em uma casa católica, para casar e se manter afastada da política, apesar da mãe e avó terem uma forte admiração por Luís Carlos Prestes, *O Cavalheiro da Esperança* e líder tenentista, que também se tornaria chefe do Partido Comunista Brasileiro (PCB)<sup>4</sup>.

**Imagem 1: Mãe de Alexina Crêspo.**

---

<sup>4</sup> Esta admiração pelo líder tenentista e comunista, não era comum para senhoras tradicionais e católicas que viam com maus olhos os líderes comunistas.



Fonte: Imagem disponibilizada pelo filme-documentário “*Alexina- memórias de um exílio*” de 2012.

**Imagem 2: Avó de Alexina Crêspo**



Fonte: Imagem disponibilizada pelo filme-documentário “*Alexina- memórias de um exílio*” de 2012

**Imagem 3: Alexina Crêspo adolescente**



Fonte: Imagem disponibilizada pelo filme-documentário “*Memórias Clandestinas*” de 2004.

Casou-se ainda adolescente com seu ex-professor, Francisco Juliano de Arruda e Paula, que se tornaria uma das principais lideranças políticas brasileiras, chegando a ser deputado estadual e federal, e líder das Ligas Camponesas do Brasil. Como companheira

de Julião, Alexina seria mãe ainda jovem de Anataílde, Anatólio, Anátilde e Anacleto de Paula Crêspo.

Segundo o relato dos filhos, entrevistados para o filme-*documentário* “*Memórias Clandestinas*”, Alexina era uma mulher elegante, muito bonita e vistosa e possuía todas as comodidades de uma mulher de sua classe social, ou seja, da classe média pernambucana. Vivia vestida com os melhores trajes e com acesso a tudo o que havia de moderno em Recife. Era também motivo de orgulho para seus filhos, uma vez que todos a admiravam em sua elegância e beleza.

Contudo, não era uma simples dona de casa, mas sim uma mulher de forte caráter e sempre a frente da sociedade nordestina tanto que tentou dar continuidade aos estudos, mas foi impedida por seu marido, Francisco Julião. Seu marido, segundo relato dos seus filhos no filme, era muito machista e ciumento com a esposa para deixa-la sair de casa a noite para estudar.

De qualquer forma, na casa da família, no bairro de Caxangá, quem cuidava de tudo era Alexina. Tanto da parte doméstica, quanto da parte de receber associados das Ligas, quando seu marido se tornou advogado e líder das mesmas, até a parte de organizar e datilografar documentos para seu marido. Também atuou como enfermeira quando houve conflitos entre trabalhadores rurais e patrões, mesmo nunca tendo estudado para tal. Alexina agia pura e simplesmente pelo desejo de socorrer os necessitados e pela consternação com as injustiças sociais da região.

**Imagem 4: Família Crêspo de Paula reunida**



Fonte: Imagem disponibilizada pelo filme-documentário “Alexina- memórias de um exílio” de 2012

Foi devido ao seu casamento, como também por uma motivação familiar, já que sua mãe e avó eram admiradoras de Prestes, assim como por influência da vida política de seu marido, que Alexina começou a se interessar cada vez mais por assuntos como comunismo, socialismo e discussões sobre como mudar a realidade de pobreza e opressão no Nordeste brasileiro. Esta motivação era constantemente alimentada pelo contato que tinha com os casos jurídicos do marido, Francisco Julião, que além de político, era advogado e conhecido por defender os mais pobres e oprimidos de Recife, como trabalhadores, favelados e prostitutas. Dividindo sua rotina entre cuidar da casa, dos filhos e de ser uma espécie de secretária para o marido, datilografando suas correspondências e casos, Alexina se envolveu cada vez mais no mundo político.

Contudo, sua trajetória política não pode ser confundida com a de Francisco Julião, que apesar de ter sido influenciador, não foi seu mestre muito menos sua principal inspiração. Enquanto o marido tendia a ser mais político do que revolucionário<sup>5</sup>, Alexina era o que Joseph Page (1989) denominou de “loira de olhos duros” e uma das principais ameaças revolucionárias das Ligas, no sentido de fazer parte dos militantes que defendiam a luta armada e o lema “*Reforma Agraria, na lei ou na marra*” à risca.

Alexina chegou a participar de reuniões do Partido Comunista desde a década de 1950, quando o partido ainda se encontrava na ilegalidade e manteve em sua casa documentos do Partido por muitos anos sem que o marido soubesse. Francisco Julião, por

---

<sup>5</sup> Alegamos que Julião era mais político do que revolucionário uma vez que o mesmo tendia a posturas mais reformistas do que propriamente revolucionárias.

outro lado, era membro do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e como líder das Ligas Camponesas, jamais submeteu o movimento às diretrizes do Partido Comunista.

Para Alexina, as mudanças nos campos brasileiros deveriam ocorrer através da luta armada. A militante deixou isso explícito tanto no documentário “*Memórias Clandestinas*” (2004), quanto em entrevistas para jornais após o retorno do exílio na década de 1980.

Segundo relatos de Delzuite da Costa Silva, militante das Ligas Camponesas e Clodomir de Moraes, Alexina era muito mais do que uma dona de casa burguesa ou meramente esposa de Julião. Inclusive, Clodomir de Moraes, enorme admirador de sua figura e companheiro da defesa de ideias mais à esquerda do que a defendida por Julião, chegou a afirmar em “*Memórias Clandestinas*” (2004) que foi Alexina quem construiu o líder Francisco Julião<sup>6</sup>.

Justamente por esse papel crucial, a militante sofreu forte preconceito da sociedade nordestina quando seu marido se tornou a principal liderança das Ligas Camponesas. Esta elite nordestina a acusava de ser adúltera e má mãe em ondas de mexericos. Também sofreu preconceito por certos autores que lhe colocam em análises machistas como por exemplo, Joseph Page (1989) que afirmou com veemência que Alexina possuía amantes, sem jamais comprovar essa afirmativa.

Contudo a análise de Joseph Page (1989) nos trouxe informações interessantes, como o fato de que este preconceito com relação à Alexina já existia desde os processos polêmicos que seu marido defendia na década de 1940-1950. Era uma forma de desmoralizar Julião, diante uma sociedade machista e tradicional. Melhor do que combater Julião politicamente, era ataca-lo como corno e desmoralizá-lo. Todavia, esses mexericos se tornaram cada vez mais maliciosos quando seu marido se comprometeu em defender a causa dos camponeses filiados às Ligas Camponesas.

---

<sup>6</sup> Acreditamos que Clodomir de Moraes tenha afirmado que Alexina construiu a figura de Francisco Julião por uma união de fatores como por exemplo, por ela incentivar o marido a defender os trabalhadores rurais, por ajuda-lo em missões políticas e outros. Também destacamos a questão de Alexina sempre fazer questão de lidar com a ilegalidade das Ligas, como a guerrilha, para que o marido tivesse uma pessoa jurídica sem problemas com a justiça brasileira.

Além disso, Alexina se tornou aos poucos uma referência cada vez maior no movimento camponês. Este envolvimento levou a uma onda de violência e ameaças<sup>7</sup> que fizeram com que a militante tivesse que abrir mão da guarda de seus filhos. Por medidas de segurança, as crianças foram estudar em Cuba a convite de Fidel Castro, em 1962<sup>8</sup>.

Alexina não seria a única militante que levaria os filhos para Cuba ou abririam mão da guarda dos mesmos diante das ameaças que sofreram. Também podemos citar como exemplo a família de Elizabeth Teixeira que foi desmembrada devido a perseguições políticas e cujo caso está relatado no filme “*Cabra Marcado para Morrer*”. Estes fatos demonstram a realidade cruel que se abateu sobre as mães-militantes do período. Além perderem a guarda de seus filhos e sofrerem por esta perda, foram condenadas publicamente como má mães e esposas por seus algozes.

Segundo Delzuíte da Costa Silva, em entrevista para o filme-documentário “*Memórias Clandestinas*” (2004), mulheres como ela e Alexina, tinham o papel de conscientizar outras mulheres camponesas sobre a importância da luta em prol da terra e da organização dos trabalhadores rurais. No entanto, enquanto Delzuíte era uma militante mais aberta que agia nos campos brasileiros, Alexina permanecia nas sombras ou em negociações internacionais.

O papel de Alexina ia além e seria uma espécie de representante das relações públicas das Ligas Camponesas. Foi ela quem, segundo reportagem do jornal *O Globo*, do dia 15 de Abril de 2012<sup>9</sup>, tomou chá com Mao Tse Tung, foi amiga de Fidel Castro e costurou sacos de açúcar, plantou café e fez guarda para a casa de Che Guevara nos

---

<sup>7</sup> Segundo relato de seus filhos no filme “*Memórias Clandestinas*” (2004) as ameaças de morte eram diárias. Diziam a Alexina e Julião que enforcariam seus filhos nas árvores do quintal de sua própria casa e sabendo que estas ameaças não eram em vão, uma vez que a violência era uma constante no Nordeste brasileiro, o casal decidiu retirá-los do país. A chance para manter seus filhos em segurança foi dada por Fidel Castro, que quando soube por Julião das ameaças que sofriam seus filhos, convidou os mesmos para estudarem em Cuba e quando completassem maior idade e se formassem, retornariam ao Brasil. Primeiro foram as meninas mais velhas e depois os mais novos.

<sup>8</sup> Neste ano ela e seu marido foram para Havana a convite de Fidel Castro para conhecer melhor a situação camponesa cubana após a Revolução de 1959 no país. Tornaram-se íntimos do revolucionários cubanos, principalmente Alexina, que chegou a viajar diversas vezes para o país entre 1962-1964.

<sup>9</sup> Disponível em: << <https://oglobo.globo.com/brasil/alexina-militante-que-conviveu-com-fidel-che-mao-tse-tung-4651825>>> Acesso em 07 de março de 2019.

tempos em que foi enviada em missão internacional para discutir sobre as Ligas Camponesas no Brasil.

Passou tempos da União Soviética, China, Coréia e em Cuba em busca de discutir sobre as Ligas Camponesas e procurar apoio internacional para o movimento e para a luta armada no Brasil. Esta busca por apoio internacional era coerente uma vez que contavam com inimigos externos também, como por exemplo, os Estados Unidos que temiam uma nova revolução cubana no continente americano.

Foi em sua estadia em Havana que se tornou ainda mais radical nas suas ideias sobre criar uma revolução no Nordeste brasileiro, ideia que era completamente antagônica da ideia mais pacifista defendida por seu marido<sup>10</sup>. Segundo Alexina para a reportagem do jornal *O Globo*, “*Você sai de Cuba para matar e esfolar americano e o Imperialismo. O contato com Che e Fidel vai dando reforço ao idealismo da gente, é fantástico*”.

Foi em Cuba, em visita as suas filhas que já estavam no país desde 1962, que Alexina fez curso de guerrilha, em conjunto com as filhas, e depois um curso mais avançado de comunicação através de códigos. Alexina sempre voltava para o Brasil ainda mais animada com as novas ideias e táticas que aprendia e transmitia para o grupo Tiradentes, que era a parte mais radical das Ligas Camponesas, que defendia que a saída revolucionária era a única possível.

#### **Imagem 5: Alexina Crêspo e Fidel Castro, visita a Havana**

---

<sup>10</sup> Apesar do próprio Julião ter defendido a bandeira de “*Reforma Agrária na lei ou na marra*” indicando a possibilidade do uso de força pelas Ligas Camponesas, é mais recorrente a interpretação de que Julião não pretendia de fato usar a força ou organizar uma guerrilha camponesa, mas sim acirrar os ânimos em prol de mudanças. Além disso, na maior parte do tempo que esteve a frente do comando das Ligas, Julião manteve uma postura de defesa de mudanças através da legalidade e da política. Entretanto, Julião não tinha controle efetivo sobre aqueles que eram mais a esquerda do que sua postura e nem sobre todo o movimento das Ligas Camponesas, que passou a se complexar cada vez mais entre 1962-1964. Exemplo disto é o braço armado organizado por Alexina Crêspo, Clodomir de Moraes e outras lideranças, no que ficou conhecido como acampamento de Dianópolis. Joseph Page (1989) também endossa esta teoria ao exaltar outras propostas dentro das Ligas como a de Assis Lemos na Paraíba, Padre Crespo, Alexina e Clodomir de Moraes.



Fonte: Imagem disponibilizada pelo filme-documentário “*Alexina- memórias de um exílio*” de 2012

**Imagem 6: Alexina Crêspo e Mao Tse Tung**



Fonte: Imagem disponibilizada pelo filme-documentário “*Memórias Clandestinas*” de 2004

Em “*Memórias Clandestinas*” (2004) seu filho Anatólio afirmou que por ser responsável pela organização da luta armada das Ligas Camponesas, Alexina assumia diante do público uma postura que não condizia com suas atividades políticas. Era uma espécie de disfarce. Raramente falava de política ou dava a entender que gostava do tema, a não ser que fosse em reuniões restritas das Ligas Camponesas.

Apesar disto, foi ela e Clodomir de Moraes que organizaram o acampamento de Dianópolis, município do Tocantins, que tinha por objetivo treinar uma guerrilha. Segundo depoimento de Alexina no filme, enquanto seu marido era responsável pela parte legal das Ligas, ela e Clodomir de Moraes se preocupavam com a parte clandestina.

Este grupo, segundo Joseph Page (1989), era composto por camponeses e estudantes. Além disso, havia um óbvio paralelo aos planos de Che Guevara na Bolívia, em organizar núcleos de guerrilha no interior remoto brasileiro, oferecendo assim uma vantagem militar maior do que na zona açucareira.

O acampamento de Dianópolis não era de conhecimento ou de aprovação de Francisco Julião e por ser clandestino até mesmo dentro das próprias Ligas, não é espantoso que existam poucos dados sobre o mesmo. Entretanto, o planejamento de guerrilha foi sufocado quando as tropas do exército, desconfiadas de uma organização na região, invadiram a fazenda dos guerrilheiros e acabaram com o acampamento.

Alexina e Clodomir não foram pegos nesta operação do exército. Contudo, a falha do acampamento de Dianópolis assim como a descoberta de documentos de um agente cubano morto em 1962 em um acidente aéreo em Lima/Peru, sobre as atividades clandestinas de Clodomir de Moraes no Brasil, estabelecendo uma conexão entre guerrilheiros e cubanos, fez com que o Fidel Castro ficasse em uma posição diplomática ruim e cortasse os repasses financeiros que oferecia as Ligas desde 1961.

Além disso, Joseph Page (1989) apontou que com o insucesso das guerrilhas Julião também sofreu uma queda de prestígio. Os revolucionários o declararam incompetente e os elementos conservadores da esquerda, mesmo sem poder relacioná-lo diretamente ao acampamento, o denominaram de um perigoso aventureiro.

Entretanto, no filme *“Memórias Clandestinas”* (2004), os depoimentos de Alexina, Clodomir de Moraes e outros indicam que Julião sabia do projeto do acampamento de Dianópolis. Não participava diretamente das atividades, mas tinha consciência que não havia como controlar todo o movimento camponês que se expandia de acordo com as suas motivações pessoais. As Ligas Camponesas estavam por volta de 1962-1964 se repartindo em agendas que nem sempre dialogavam entre si.

Sobre as diferentes agendas e lideranças que se formaram nas Ligas Camponesas, podemos citar a liderança de Assis Lemos de Souza na Paraíba, com sua postura mais pragmática, simpática ao Partido Comunista (com quem Julião romperia após o Congresso de Belo Horizonte) e menos revolucionária. Havia a corrente católica que apenas pretendia realizar negociações e garantir direitos sem mudar de fato a estrutura dos campos. Também podemos citar a corrente mais à esquerda como a de Clodomir de Moraes e Alexina Crêspo que defendiam uma revolta armada e uso da violência para alcançar o poder, que tinham como inspiração a revolução cubana de 1959.

Sendo assim, Alexina poderia estar casada com Julião, mas jamais se submeteu ou concordou cegamente com sua postura política e os desacordos do casal levaram a um rompimento oficial em 1963. Sem jamais comprovar suas fontes, Joseph Page (1989) afirmou que mesmo o casamento com Alexina sendo encerrado em 1963, Julião já vivia em um apartamento em Ipanema, no Rio de Janeiro, com a advogada Regina de Castro, que também havia sido casada com um advogado da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Após o rompimento oficial com sua esposa, Regina de Castro se mudou para Pernambuco e passou a viver com Julião.

Já Alexina, se dedicou ainda mais a causa dos camponeses e ao contato com o governo cubano onde seus filhos estudavam. Foi em uma dessas pontes aéreas entre Brasil e Cuba, que Alexina se tornou uma exilada política. Era final de março de 1964, quando Alexina saiu do Brasil para acompanhar o casamento de sua filha Anataílde e o golpe militar ocorreria no final do mês e início de abril.

Em Cuba, Alexina pouco pode fazer com relação ao desmembramento das Ligas Camponesas após o golpe de 1964, muito menos pode retornar ao país, uma vez que corria risco de vida. Para ela, o golpe *“Foi um soco mesmo na cara, um negócio terrível que a gente fica assim eu volto, mas o que eu posso fazer? Eu quero voltar! E não volta, e os meninos? Foi muito doloroso.”*<sup>11</sup>

Os trabalhadores tampouco tiveram muitas chances de resistir, ou estavam organizados o suficiente para isso. Quando perguntada porque não houve uma reação organizada contra o golpe em *“Memórias Clandestinas”* (2004), Alexina afirmou que não

---

<sup>11</sup> Trecho da entrevista de Alexina Crêspo para o documentário *“Memórias Clandestinas”* de 2004.

sabia dizer se foi por medo ou por terem sido presos rapidamente. Já ela, foi proibida por Fidel Castro de voltar ao Brasil uma vez que o mesmo tinha certeza de que ela seria presa ainda no aeroporto.

O golpe, segundo demonstrou René Armand Dreifuss (1987), já estava sendo organizado há muito tempo tanto por setores ligados ao capital multinacional e associado e correntes conservadoras. Estes setores viam com maus olhos as agendas nacionalistas defendidas por políticos brasileiros como Getúlio Vargas e João Goulart, como também se sentiam ameaçados pelo constante crescimento das esquerdas brasileiras e organizações sociais como as Ligas Camponesas, Ultab, Master, UNE, sindicatos de trabalhadores urbanos e outros em um período de Guerra Fria no mundo.

Também agiam em prol de um golpe de estado parcelas militares ligadas à Escola Superior de Guerra, que defendiam uma agenda econômica e política liberal e afinada com o capital externo e setores conservadores, que enxergavam os comunistas e esquerdas como inimigos internos da nação que deveriam ser combatidos.

Somado a eles, haviam os setores tradicionais da população como a burguesia urbana e os grandes latifundiários que se viam constantemente ameaçados em seu *status quo* pelos movimentos sociais que se organizavam e exigiam cada vez mais direitos. Em face disso tudo, não houve clemência para os trabalhadores rurais, esquerdas ou proletários urbanos quando ocorreu o golpe de 1964.

As Ligas, que segundo Clodomir de Moraes<sup>12</sup> tinham planos para formar um partido político em julho de 1964 e convocar um grande congresso político das Ligas Camponesas para anunciar este novo projeto, não conseguiram seguir adiante com este ou qualquer outro projeto. Seus membros foram cassados<sup>13</sup>, presos ou mortos e as Ligas foram postas na ilegalidade.

Alexina e os filhos<sup>14</sup> passaram então dez anos em Cuba, em total isolamento, até que Salvador Allende foi eleito no Chile. Allende, que era um presidente socialista e visto por

---

<sup>12</sup> Entrevista de Clodomir de Moraes para “*Memórias Clandestinas*”(2004).

<sup>13</sup> Literamente ou politicamente.

<sup>14</sup> Alexina afirmou (*virgula*) em entrevista para o filme “*Memórias Clandestinas*” (2004), que o filho de Elizabeth Teixeira, Isaac, que também foi mandado para Cuba para estudar, estava neste período de exílio em Cuba sob sua responsabilidade. Entretanto, não quis seguir viagem com ela para o Chile.

Alexina como uma oportunidade de retornar ao Brasil. Sendo assim, Alexina e os filhos conseguiram embarcar para o Chile, por volta de 1972, pretendendo organizar junto com o Partido Comunista Chileno uma resistência armada em Santiago contra a ditadura brasileira. Contudo, no Chile acabaram por passar dificuldades.

“Tem coisas que a gente passa que na hora é trágica, mas depois a gente acha graça. Eu me arrumava né? Mais ou menos direitinha, botava uma bolsa e saía... ia para a feira. Aí olhava assim... às vezes tem um tomate que está só metade machucado, uma couve e não sei que lá... ai eu ia apanhando, tranquilamente eu ia apanhando e botava dentro dessa bolsa. Ai comprava carne de cavalo porque era a mais barata que tinha. Chegava em casa, lavava e lavava, limpava bem e fazia um sopão e era a nossa comida diária a noite”<sup>15</sup>.

Os filhos relembram em “*Memórias Clandestinas*” (2004) que a mãe chegou a cogitar mudar para o Peru pouco antes do golpe sofrido por Salvador Allende em 1973 pelo general Augusto Pinochet. Alexina, segundo eles, já estava desconfiada que haviam movimentações golpistas no país e cogitou fugir, porém decidiram permanecer no Chile e se prepararem para o golpe.

A preparação não foi o suficiente para a violência e perseguições do novo regime chileno. Segundo Cabral, Medeiros e Araújo (2011), após o golpe, sua filha Anátilde foi presa na porta de sua casa e apenas foi liberada após diversas negociações diplomáticas. Os seus demais filhos, inclusive Alexina, se dividiram entre pedidos de asilo em embaixadas até finalmente conseguirem fugir para a Suécia, onde tiveram o terceiro exílio.

Na Suécia, Alexina e a família permaneceram até a Lei da Anistia ser decretada em 1979. A família de Alexina e ela mesma retornariam para o Brasil na década de 1980, entretanto, para encontrar um exílio perpétuo de suas antigas vidas e das Ligas Camponesas que não mais existiam.

Desempregados e com estigma de ex exilados, muitos poucos se dispuseram a ajudar a família e, por anos, a família permaneceu em um silêncio pela certeza de que a maioria

---

<sup>15</sup> Trecho da entrevista de Alexina Crêspo para o filme “*Memórias Clandestinas*” (2004).

das pessoas não queriam escutar a história da família Crêspo. Tinham suas narrativas sufocadas e delegadas ao que Pollak (1989) e Ricouer (2007) denominaram de *silêncio e esquecimento*.

Além disso, descrevem que por muitos anos viveram como exilados dentro de seu próprio país, uma vez que não eram aceitos ou ouvidos pelos antigos amigos ou comunidade. Podemos dizer com absoluta certeza que a família Crespo viveu as diferentes formas de se sentir o exílio tal como analisou Edward Said (2007).

Apenas na égide de governos da esquerda brasileira, como os governos Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e Dilma Rousseff (2011-2016), foi que as histórias de militantes como Alexina passaram a ser objeto de pesquisas e tema para filmes. Os marginalizados e novos objetos, principalmente aqueles que haviam sido silenciados por governos autoritários anteriores, proliferaram na historiografia brasileira.

Foi neste período (2003-2013) que Alexina foi entrevistada por jornais como *O Globo*, *Diário de Pernambuco*, *Folha de São Paulo* e diversos outros. Os assuntos das entrevistas eram sempre os mesmos: quem era a militante pernambucana e dirigente feminina das Ligas Camponesas que tomou chá com Che Guevara, Fidel Castro e Mao Tse Tung. Também seriam produzidos dois documentários sobre sua trajetória, o *“Memórias Clandestinas”* (2004) e *“Alexina- Memórias de um exílio”* (2012).

**Imagem 7: Alexina Crêspo, filhos e netos**



Fonte: Imagem disponibilizada pelo filme-documentário *“Memórias Clandestinas”* de 2004

Alexina Lins Crêspo de Paula, faleceu de insuficiência respiratória em 2013. Durante sua vida resistiu como toda flor que floresce no sertão, enfrentando as condições adversas do local. Era como um Mandacaru que florescia indicando o fim do período de seca.

No caso da militante, Alexina florescia indicando o início da luta pelo fim de exploração dos camponeses brasileiros e pelo direito a um pedaço de chão. Como diria Clodomir de Moraes, fica aqui o nosso estalar de dedos em sua homenagem<sup>16</sup>. Acrescentamos um grito de “Camarada Alexina Crêspo presente!”.

### **Filmografia:**

**"Memórias Clandestinas"**: produção do Sépia Cinema e Vídeo com o apoio do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento (NEAD), Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura (IICA), Programa de Promoção de Igualdade de Gênero Raça e Etnia (PPIGRE), Instituto de Apoio Técnico e Especialização à Cidadania (IATEC) e Curso de Rádio e TV da Faculdade de Comunicação da UNIMEP, dirigido por Maria Thereza Azevedo e lançado em 2004.

### **Bibliografia:**

CABRAL, Flávio José Gomes; MEDEIROS, Maria da Glória Dias; ARAÚJO, Antônio Henrique da Silva. Lugar de mulher é na Revolução. **V Colóquio de História**. Recife, Pernambuco, 2011. Disponível em << <http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1205-1218.pdf>>> acesso em: 08 de março de 2019.

DREIFUSS, René Armand. **1964:a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe**. Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 1987.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2010.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora: São Paulo, 2010.

PAGE, Joseph A. **A revolução que nunca houve. O Nordeste do Brasil 1955-1964**. Editora Record: Rio de Janeiro, 1989.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989

---

<sup>16</sup> O ato de estalar dedos era comum nas reuniões do Partido Comunista enquanto este estava na clandestinidade e queria dizer uma salva de palmas.

PORFÍRIO, Pablo. Pétalas e pedras: a trajetória de Francisco Julião. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro- PPGHIS/UFRJ. Rio de Janeiro, 2013.

RICOUER, Paul. **A história, a memória, o esquecimento**. Editora Unicamp: Campinas, São Paulo, 2007.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Companhia das letras: São Paulo, 2007.

VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 283-300.